

O TESOURO DA ABISSÍNIA

58

Até ao final de agosto, “O Tesouro da Abissínia” mostra-se no Centro Português de Fotografia, no Porto. A exposição evoca o passado de um dos mais antigos estados do mundo, numa simbiose de fotografias e crónicas transformadas num gigantesco caderno de viagem – o diário foi escrito aquando da viagem de Pedro Mesquita e Paula Mourão Gonçalves à Etiópia, em 2014, para participarem na Bienal de Fotografia de Adis Abeba.

Cristalizada nas trágicas imagens dos anos 80, faminta e devastada pela guerra e pela seca, “a Etiópia continua a ser um país pobre. Sobrevive-se com pouco mais de um euro por dia, mas há uma esperança que se renova”, contam, num apelo a que esta realidade não seja esquecida. Pedro Mesquita é jornalista da Rádio Renascença, dedicando-se, desde há alguns anos, à fotografia. É autor, também, da exposição “O Porto à Janela” e do livro «Só à Primeira Vista o Deserto». Neste trabalho, assina uma parceria com a assessora de comunicação Paula Mourão Gonçalves, responsável pelas crónicas da viagem.

O Tesouro da Abissínia
Centro Português de Fotografia
Campo Mártires da Pátria, Porto
até 27 de agosto



UM CADERNO DE QUATRO FOLHAS

360 quilômetros. Nove horas de viagem separam Lalibela e Gondar. As pedras que rolam encosta abaixo e os buracos na estrada emperram o percurso, mas é a curiosidade que dita as paragens. A mulher curvada sob o peso de um fardo de palha, o padre que pára para benzer quem passa, o rebanho de cabras encavalitadas na encosta, o homem armado que guarda o estaleiro chinês no meio do nada.

E as crianças, sempre as crianças. De um lado e do outro da estrada. Os uniformes da escola, toscas peças de sarja de cores garridas, desenham os percursos dos que vão e dos que regressam.

Acenam à nossa passagem e correm para nós. Saio para lhes falar, enquanto o Pedro tenta captar todo este bulício e guardá-lo em imagens. Rodeiam-me. Olhos vivos, curiosos, fitam-me, medem-me, sorriem-me e ficam à espera que fale.

Começo por ela. Chama-se Wubayehu. Traz na mão o caderno. Peço-lhe para ver. É um caderno de quatro folhas. Quatro folhas, dois agrafos no meio, os cantos rasgados. A protegê-las uma capa plástica, como um saco de arroz espalmado, dobrada nas pontas. Olho as letras desenhadas tentando decifrar o código amárico. “Tens uma letra muito bonita”, digo-lhe em Inglês. Ela sorri, orgulhosa, e guarda o caderno num saco de pano que traz a tiracolo.

De repente, olho em volta e, sem que antes os tivesse visto, há uma dúzia de cadernos para conferir.



ÁFRICA MINHA

São 6h30 da manhã em Lalibela. Luel espera-nos à porta do hotel para nos levar a Gondar, a última capital do império etíope. Procuramos os “castelos portugueses” e tentamos distender o tempo, na esperança de ainda ver o Nilo Azul ou penetrar no Parque Nacional das Montanhas Simien.

A terra, a cor da terra, vai-se tornando diferente à medida que avançamos. O verde dos eucaliptos, base de subsistência de grande parte da população, impõe-se aos tons ocres das misteriosas igrejas escavadas no chão onde nos perdemos no dia anterior.

Fazemos contas ao tempo que levaremos a chegar e penso em como seria apropriada a banda sonora de África Minha. Luel quer saber do que falamos. Falo-lhe do filme que ainda hoje nos apaixonou e o nosso guia toma notas, para, mais tarde, “procurar na internet”. Soletro M-e-r-y-l S-t-r-e-e-p e peço a Luel que traduza a canção que passa no rádio do carro. “Fala de amor”, diz, e espera retribuição musical. Ensaio um fado e falamos de nostalgia e de saudade.

Quer saber mais. A revolução dos cravos e uma interpretação animada de Grândola Vila Morena fazem-no suspirar por mudanças. Anseia o progresso, mas, diz, “se pudesse nascer outra vez, seria etíope”.















